

---

# AS ESCOLAS NOTURNAS DA CORTE E A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR: Educação e controle social na sociedade oitocentista

Ana Luiza Jesus da Costa<sup>(\*)</sup>

## RESUMO

O presente artigo pretende contribuir para a compreensão do papel de instituições como as escolas noturnas de instrução primária na formação do trabalhador livre num contexto de crise do sistema escravista.

**Palavras-chave:** Escolas noturnas; Classes trabalhadoras; Século XIX.

É comum em nossas sociedades ocidentais a sequência entre vida escolar e vida profissional. Ainda que isso não ocorra, de fato, com todos os seus membros, essa é a trajetória esperada, adotada pela média da população. Dessa forma, não haveria contradição entre escola e trabalho. Entretanto, essas atividades já foram essencialmente contraditórias em dado momento da história educacional brasileira e podemos dizer até que a conciliação, se existe, é muito recente. Na sociedade imperial, os trabalhadores por excelência – os escravos – eram juridicamente proibidos de frequentar as escolas. Já os homens livres e pobres não sofriam interdições legais, porém dificilmente obtinham condições de acesso.

Os homens e mulheres livres e pobres que buscassem instruir a si e a seus filhos sofriam com a falta de escolas, falta de recursos para providenciarem materiais escolares necessários, todo o estranhamento diante de uma cultura escolar que lhes era distante e hostil. Não poderiam ser portadores de moléstias contagiosas e deveriam ser vacinados, em uma época onde os equipamentos de saúde pública e higiene não estavam disponíveis e diversas doenças faziam parte do cotidiano. Por fim, encontramos, novamente, a grande contradição entre a condição de trabalhador e a condição de estudante: estes homens e mulheres não podiam dispensar suas horas de trabalho necessárias à sobrevivência em favor das horas de estudo. Se para algumas classes da sociedade instrução e estudo possuíam uma relação de complementariedade com *o seu mundo profissional*, para as classes trabalhadoras estabeleceu-se, de início, oposição entre estas atividades.

O quadro apresentado não pretende, porém, apagar a história de iniciativas educacionais voltadas para os referidos sujeitos. O presente trabalho busca perceber a presença da escola na

---

<sup>(\*)</sup> Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). *E-mail:* anajcosta@gmail.com.

---

formação do trabalhador cidadão durante as últimas décadas do século XIX, no município da corte, Rio de Janeiro.

### **FORMANDO CORPOS E MENTES: CRIANÇAS NO TRABALHO E ESCOLAS PARA ADULTOS**

Antenados com as formas de condução da vida social nos países considerados centros da civilização, as elites econômicas e intelectuais organizadas no âmbito da sociedade civil e do Estado brasileiro, procuraram implantar aqui a “escola moderna”. Segundo Varela e Uria, esta instituição massificou-se entre a população trabalhadora europeia em fins do século XIX e início do XX. Tal modelo de escola, pública e obrigatória, se tornou uma das principais formas de socialização, destinada principalmente à classe trabalhadora enquanto parcela massiva da população.

O “processo civilizatório” pelo qual passariam as classes populares no interior da escola se daria através de violência, nem sempre simbólica, assentado num pretendido direito: o direito de todos à educação. Apesar de considerar este fenômeno algo recente, Varela e Uria promovem uma genealogia que marca o início da formação desse sistema no século XVI, a partir de quando, teríamos como condições históricas de seu aparecimento: a definição de um estatuto de infância, a delimitação de um espaço geográfico específico, o aparecimento de especialistas em infância, a destruição de outros modelos de educação, a obrigatoriedade escolar (VARELA; URIA, 1992).

Os autores do texto clássico sobre a “maquinaria escolar” concentram seus esforços na compreensão do modelo de escolarização da infância para formação de “bons trabalhadores” e “bons cidadãos”. Porém, especificamente no Brasil, o mercado e a manutenção da ordem social não poderiam esperar pela formação de novas gerações. Era necessário dispensar atenção, também, à formação do trabalhador que já se encontrava ativo no processo produtivo. Evito, aqui, utilizar o termo – trabalhador adulto – porque esse mercado de trabalho compunha-se fartamente de jovens e crianças.

Ao pesquisar o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*, Sidney Chalhoub (1986) demonstra o início da formação da classe trabalhadora carioca tendo por corpo documental processos criminais. Essa formação se dá simultaneamente ao processo de imposição da ordem capitalista na cidade. Desde meados do século XIX, já se desenhava o projeto político de transformação do homem livre, seja o ex-escravo ou o imigrante, em trabalhador assalariado, quando a supressão do tráfico negreiro foi acompanhada por leis que vedavam ao homem livre pobre a propriedade da terra.

---

Entretanto, segundo o autor, para submeter efetivamente o liberto ou o imigrante pobre ao assalariamento, não era suficiente sua expropriação material, pois estes poderiam, de alguma forma, obter meios alternativos de sobrevivência e, de fato, muitos encontraram essa forma de resistência ao processo de imposição da ordem capitalista. Por tudo isso, “a imersão do trabalhador expropriado nas leis do mercado de trabalho assalariado passa por dois movimentos essenciais, simultâneos e não excludentes: a construção de uma nova ideologia do trabalho e a vigilância e repressão contínuas exercidas pelas autoridades policiais e judiciais” (CHALOUB, 1986, p. 28). Nesse sentido, o trabalho passa a ser encarado como moralizador, nobre, valor supremo regulador do pacto social, termos contrários aos difundidos pela cultura escravista que o rebaixava.

Outro aspecto essencial na argumentação de Chalhoub é que este “movimento de controle dos espíritos e mentes” estendia-se muito além dos espaços estritamente ligados à produção. A definição do homem de bem, do homem trabalhador, passava também pelo seu enquadramento em determinados padrões de conduta familiar e social. Dessa forma seria indispensável observar todas as esferas de sua vida, não só “a fábrica” como “o lar e o botequim”<sup>1</sup>. Seguindo essa pista procuro observar a escola como outra esfera da vida desses trabalhadores, ou, ao menos, de uma parcela deles, tendo em vista as restrições já citadas ao processo de escolarização que, talvez, fosse mais representativo no imaginário das elites da época que na vida social. Em que pese não ter atingido a totalidade dos trabalhadores, em fins do século XIX, projetos como as escolas noturnas de instrução primária contribuíram para o estabelecimento de padrões sociais de conduta moral e bagagem intelectual.

Estes padrões de moralidade baseavam-se em discursos como os que opunham razão e força (violência). Exemplo disso era a recorrente fórmula “abrir escolas para fechar prisões”. É o que podemos ver nos cálculos do inglês Macaulay, referência para Leôncio de Carvalho, ministro liberal que ocupou a pasta dos negócios do Império, responsável entre outros assuntos, pela instrução pública, na formulação de sua reforma da instrução. Para ele, cada libra não investida em educação corresponderia a cinco libras gastas com processos e prisões.

A despesa com a instrução pública é indispensável. Certamente, senhor, ninguém que admite que é nosso dever instruir os espíritos da geração que desponta pode achar 100.000 libras soma elevada para semelhante proveito. Se olharmos a matéria de seu ponto de vista mais básico, se considerarmos os seres humanos simplesmente como produtores de riqueza a diferença entre uma nação inteligente e uma nação estúpida

---

<sup>1</sup> Seguindo esta metodologia, o autor analisa, no primeiro capítulo, questões ligadas ao trabalho e à habitação. No segundo, estão as questões ligadas às relações familiares e amorosas, e, por fim, o terceiro fala do lazer, vinculado principalmente aos bares.

---

avaliada em libras, shillings e pences, excede o cêntuplo da despesa proposta. Nem isso é tudo. *Para cada libra que economizas em educação, gastareis cinco com processos, com prisões, com estabelecimentos penais. Não posso acreditar que nunca tendo recusado coisa alguma que se pedisse para manter a ordem e proteger a propriedade pelos meios da pena e do temor, comece a ser mesquinha quando se lhe propõe realizar o mesmo fim tornando o povo mais esclarecido e melhor.* (Macaulay, Speeches, 1847. Neste discurso Macaulay sustentava a subvenção de 100.000 libras pedidas pelo governo à câmara dos comuns para a educação pública)<sup>2</sup>.

Nesse momento, cristalizava-se a oposição operário *versus* delinquente, sendo a plebe o conjunto de onde poderiam derivar ambos os tipos. Justificava-se, com essas representações, a necessidade do disciplinamento. Esse poder disciplinar toma lugar numa conjuntura histórica de explosão demográfica, crescimento do aparelho de produção e ampliação dos grupos que importava controlar. Assim, há aumento da escolarização e internação, formas de anular as resistências: agitações, revoltas, organizações espontâneas, conluios e tudo que pudesse se originar das conjunções horizontais (FOUCAULT, 2004).

Observando a mesma realidade, Jean Hébrard (2001) afirma que as necessidades básicas da vida urbana foram usadas primeiro pela Igreja Católica para levar o povo à escola onde encontraria a satisfação destas necessidades e onde seria catequizado. Depois, agências liberais e filantrópicas utilizaram a mesma via para difundir o catecismo da ordem contra as revoltas e revoluções, visando à paz social, característica da modernidade (p. 115-141). No mesmo sentido, Viñao Frago (1999) aponta as pressões em favor da escolarização e alfabetização da classe trabalhadora como fruto de motivações ideológicas conservadoras frente às ideias socialistas e uma cultura operária em gérmen e das necessidades de uma mão de obra com certa qualificação elementar (p. 319-351).

Dentro desta perspectiva, encontramos o caso das escolas noturnas de instrução primária da corte (1860-1889) como instrumentos de implantação e conservação da ordem capitalista e estatal, ferramentas de disciplinamento da mão de obra. Sua existência concorria para implantação e preservação da citada ordem de duas formas: via produção de consenso, e via justificação da violência. Por um lado, submete os sujeitos por ela atendidos a disciplinas e saberes necessários à formação do mercado de trabalho capitalista (assalariado) e à ordem urbana e estatal. Por outro, contribui para criação de um modelo de cidadão educado, modelo este que não deveria ser atingido por todos, mas lograria permitir a distinção entre quem estaria ou não dentro da ordem e quem

---

<sup>2</sup> Retirado de notas e extratos feitos por Leôncio de Carvalho sobre a instrução pública, de março de 1879. Sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). (Grifos meus.)

---

deveria ser perseguido e reprimido. A partir do momento que alguns saberes são instituídos como necessários ao convívio em uma sociedade que se modernizava e urbanizava: a leitura e a escrita, as quatro operações matemáticas, o sistema métrico decimal e o sistema de pesos e medidas, além de uma série de normas de condutas higiênicas e morais – constitutivas de certa concepção de “urbanidade” – passam a ser requisitados, de fato, pela população da corte. Neste ambiente, conviviam a busca por escolarização por parte de alguns indivíduos e a rejeição da escola por outros.

A escola, definida como meio de propagar tais saberes, tornava-se então essencial, porém ainda era restrita. As altas taxas de analfabetismo permaneceram durante toda a história da educação no Império, invadindo o período republicano, com marcas visíveis até hoje, especialmente nas zonas mais pobres da cidade e do campo. Quase todos os relatórios dos ministros dos negócios do Império tinham como abertura a frase “a instrução pública está muito longe das nossas aspirações”.

### **O CASO DAS ESCOLAS NOTURNAS DA CORTE: DISCURSOS DA IMPRENSA**

Procurando compreender que tipo de instrução era dispensada aos trabalhadores, travei contato com a documentação do século XIX referente a mais uma forma de correção destes incorrigíveis: as escolas noturnas. Visitei também alguma documentação que fazia apenas rápida menção, e aquela que “rondava a periferia do tema”, materiais sobre outras formas de educação para o povo como escolas dominicais, conferências populares, ensino profissional, situação do ensino primário, assuntos relacionados ao cotidiano do trabalhador, da escravidão, dos homens pretos e pardos, livres e libertos.

O estudo desenvolvido em dissertação de mestrado intitulada *À luz das lamparinas. As escolas noturnas para trabalhadores no município da corte (1860-1889)*, defendida em 2007, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)<sup>3</sup>, organizou a documentação em três séries de discursos: os circulantes na imprensa, os provenientes das esferas governamentais, e os produzidos no âmbito de associações de caráter privado vinculadas de alguma forma à educação para o povo. A proliferação da fala proveniente das elites da sociedade imperial tem a ver com a própria vinculação entre saber e poder. As elites dominantes, ao deterem o poder da palavra, usam-no como forma de reprodução de sua condição sociopolítica, entretanto,

---

<sup>3</sup> Algumas das afirmações propostas em 2007 já foram repensadas no processo de desenvolvimento de tese de doutorado (2008-2012): *O educar-se das classes populares oitocentistas entre a escolarização e a experiência*, entretanto, no presente artigo, optei por manter as interpretações e formulações derivadas da dissertação que o deu origem.

---

mesmo sem acesso à sua própria palavra, são as manifestações das classes populares que pretendo observar. Tal observação é possível quando se parte da concepção de que de um mesmo conjunto de fontes pode derivar uma história das elites ou das classes populares.

O presente artigo destaca os discursos propagados por periódicos da imprensa pedagógica e por alguns jornais dedicados aos trabalhadores. Momento de florescimento da imprensa em geral, com uma gama variada de periódicos de grande e pequeno porte, alguns muito fugazes que não passavam dos primeiros números, encontramos espaço significativo ocupado pela temática da instrução. Suas páginas veiculavam opiniões diversificadas sobre a educação do povo, em que pese a dominância do projeto elitista que procurava se constituir em lugar comum.

Tomemos a *Gazeta da Instrução Pública* (1851) que realizava em seu editorial críticas à situação geral da instrução no Império: poucos recursos, baixa qualificação dos professores e curto tempo de instrução básica para os alunos: “os meninos e moços depois de receberem os livros que gratuitamente lhes são fornecidos, não adquirem mais instrução e entram no serviço do campo ou nas indústrias de seus municípios”. Atenta a esta falta, a *Gazeta* teria surgido visando fornecer subsídios para a continuidade da formação, tanto de professores, como dos meninos. Nas páginas seguintes, encontramos a publicação de um texto extraído das “Práticas de Aldêa, do muito conhecido Sr. De Cormenin”, onde era dado a ver o sentido da formação que a *Gazeta* pretendia cumprir. O artigo chama-se “O mestre-escola”, e pretende afirmar tal ofício como o mais apreciado entre todos na terra. O texto se compõe pela sutileza das ideias liberais, que assumindo aparência progressista, fazem-se conservadoras ante a classe trabalhadora, usando a educação como propagadora de uma moral docilizante e controladora, procurando apagar as lutas de classes através da pregação idealista de uma igualdade diante da “pátria”. Vale a pena transcrever parte desse discurso tão representativo, tanto mais quando faz parte de um periódico destinado à formação de professores que teve, inclusive, assinaturas compradas pelo vereador João Pereira Darrigue, para distribuição aos professores, conselhos municipais e inspetoria de escolas.

[...] Daria quotidianamente graças a Deus por me permitir formar corações e inteligências. Havia de inspirar-me do amor de meus deveres, e me esforçaria, sobretudo para levantar os humildes, suste os fracos, doutrinar os ignorantes e moralizar os vícios. [...] Não é tudo saber ler, escrever e rabiscar na pedra alguns números e algumas figuras. Tendes um Deus ao qual deveis adorar. [...] Sereis um dia soldados para defender a pátria, lembrai-vos que para ser bom soldado é necessário ter robustez e, por conseguinte, viver com temperança e sobriedade, ser disciplinado e, por conseguinte, obediente. [...] Não andeis a gatunar em seus pátios e jardins. [...] Se alguma disputa por um muro, poço, arbusto, ou pastagem, levou vossos pais a ficarem

---

mal com seus vizinhos, tomai-lhes das mãos em um aperto de conciliação, e sede os intermediários da boa harmonia.

Hoje em dia não há mais classe alta e classe baixa. Só há indivíduos desiguais e diferentes pela idade, fortuna, virtudes e talentos. Levanta, pois, a cabeça com serenidade, sem orgulho, mas sem timidez porque todos vós são admissíveis aos empregos, todos igualmente preciosos a pátria. Amai a pátria extremosamente.

[...] Não andeis em desconfiança dos vossos superiores, só porque o são, quando vos regem com firmeza, sabedoria e justiça, nem dos ricos, só porque o são, quando vos amam, vos consolam e vos socorrem. [...]

Não vos desleixeis do asseio de vossas mãos, vestuário e calçado. Na decência do corpo espelha-se a decência da alma. [...] Não acrediteis em almas de outro mundo, porque os mortos não voltam cá, nos feiticeiros e adivinhos, porque não passam de velhacos, nos curandeiros porque são charlatães, tudo isso são quimeras que vos perturbarão o espírito e que são indignas de um homem que tem sua razão clara.

Em suma meus caros filhos, não digais, comparando-vos com os ricos, que a providência vos fez nascer em uma condição dura e miserável, que seu destino só é digno de inveja, e que o vosso é lastimoso. Não é tanto assim como acreditais, meus filhos. A natureza não lhes deu duas bocas, nem dois estômagos, nem dez sentidos em vez de cinco. Eles sofrem sustos, desprazeres, vigílias, cansaço, remorso que nunca sofrereis. São mais grosseiros os vossos alimentos? O apetite os temperará. É curto o vosso sono? Mas é profundo. Se vossos trabalhos são mais pesados, tendes um repouso mais doce, e braços mais robustos. Se vossos prazeres são menos vivos, a sociedade não vos enfara. Os ouros, os palácios, as criadagens, as traquitanas, os vinhos delicados não fazem com que o rico seja mais feliz que o pobre [...] lembrai-vos filhos meus, que a verdadeira felicidade depende unicamente do trabalho, da ciência e da virtude. (GAZETA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1851).

Significativamente, o mesmo periódico publica, alguns números depois, uma nota intitulada “Os crimes e a qualidade dos criminosos em França”, onde afirma que os “delitos políticos” foram responsáveis pelo julgamento de 1.137 pessoas entre 1836 e 1848. Destas, 225 foram indiciadas só em 1848, e 78 entre 1836 e 1847. O autor da nota quer chamar atenção para os prejuízos trazidos pelas revoluções, uma vez que 1848 foi um ano marcado por ondas revolucionárias protagonizadas pelo movimento operário europeu, a chamada “primavera dos povos”. O autor conclui com a frase: “Por aqui se vê o mal que produz o fermento das revoluções”.

---

Esta concepção é compartilhada por outro periódico, *A Gazeta Acadêmica*, de 1876, cujo editorial exalta as maravilhas do progresso e a instrução associada ao trabalho como meio de atingi-lo. O jornal opõe, ainda, razão e violência, e diz que o sabre do combate, nos tempos modernos deve ser a “pena incansável”. A luta das ideias deveria apagar a luta dos indivíduos e das classes num mundo em que já não se governaria mais com a força dos músculos, mas da tribuna e do jornal, ou seja, da palavra. Ao final de seu discurso profundamente ideológico, afirma que “não militaré sobre a bandeira de nenhum partido, o seu partido será simplesmente o partido de seu país”. Este jornal representa uma posição conservadora destacada do tom reformista dominante à época. Entre as diversas publicações consultadas, foi o único posicionamento contrário às escolas noturnas ao considerar que elas não traziam vantagem à mocidade. Ao mesmo tempo, critica como investimentos inúteis as conferências populares e os prédios palácios escolares, enquanto a faculdade de medicina ficaria entregue às moscas. Como se pode notar, apresenta a formação superior como prioridade a ser observada em detrimento da instrução popular.

Observados alguns jornais voltados para trabalhadores, ou assim declarados, que abordavam a questão da educação popular, não foi possível perceber rupturas em relação às concepções presentes no projeto político-pedagógico das aulas noturnas que tenho chamado elitista. Foram analisados seis periódicos, entre os quais alguns que afirmavam estar voltados para os trabalhadores, e outros para a população negra e parda escrava, liberta ou livre.

O periódico *O trabalho: folha consagrada aos interesses da indústria e das artes* (1868) intitulava-se como “folha para o povo”, na qual os operários escreviam para “seus irmãos”, mas em suas páginas defendia o direito de propriedade e pregava uma comunhão de classes. Falava da necessidade de resgatar ao trabalho os que estavam na “vadiagem” e identificava o não trabalho e a criminalidade. O jornal reivindicava, entretanto, uma legislação social que assegurasse garantias para o trabalhador. “O trabalho é para todo cidadão um dever e um direito. Como dever precisa de vigilância, como direito precisa de garantias”. Esta seria a fórmula para atrair ao trabalho, os “braços desocupados”.

*O trabalho*, sobretudo, expressava a posição “iluminista” de seus redatores em relação às classes populares, vistas por eles de forma pejorativa, como aquelas a quem deveriam educar, guiar, levar à salvação. Nesse sentido, são representativas as “palavras eloquentes de um poeta” ali publicadas, ao estabelecerem metáfora relacionando o sacrifício do poeta e o papel do professor:

Sacrifica à populaça, oh poeta! Sacrifica à desventurada, à deserdada, à vencida, à vagabunda, à faminta, à repudiada, à desesperada, a essa pés descalços, sacrifica-lhe

---

se for preciso e quando for, teu repouso, tua fortuna, teus júbilos, tua pátria, tua liberdade, tua vida. A população é o gênero humano na miséria. [...] Ai! Ela sofre tanto e nada sabe! Corrige-a e adverte-a, instrui-a, guie-a, eduque-a. Dá-lhe frequência na escola da honestidade. Fá-la soletrar a verdade, mostra-lhe o alfabeto da razão, ensina-lhe a ler a virtude, a probidade, a generosidade, a clemência. Abre-lhe de par em par o grande livro. Ilumina os cérebros, inflama as almas, desvanece os egoísmos, dá o exemplo. Os pobres são a privação, sê tu a abnegação. Ensina-lhe! Irradia! Precisam de ti, tu és a sede que os devora. Saber é o primeiro passo. Viver é o segundo...(O TRABALHO: FOLHA CONSAGRADA AOS INTERESSES DA INDÚSTRIA E DAS ARTES, 1868).

O mesmo jornal divulgava com entusiasmo os resultados das escolas noturnas para adultos na França, onde, entre 1867 e 1868, abriram-se em 26.193 Comunas, 27.902 escolas de adultos para homens e, em 4.084 Comunas, 4.429 escolas de adultos para mulheres, e o número de discípulos chegou a 684.092 homens e 95.281 mulheres. Em artigo seguinte informava que no Brasil também já existiam tais escolas noturnas, e dedicava espaço à matéria da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional divulgando as aulas por ela promovidas. Tais aulas teriam sido criadas como requisito para o desenvolvimento industrial de que o país carece – “O ensino industrial é, pois, uma necessidade geralmente sentida em nosso país; mas um grande obstáculo se oferece ao seu desenvolvimento, e vem a ser a falta de instrução elementar na maior parte dos nossos operários para poderem frequentar a escola industrial”. Buscando a causa dessa falta de instrução elementar aponta as dificuldades para o operário alcançar os meios de subsistência, tendo que utilizar o trabalho dos filhos em prejuízo de sua instrução, “visto que as horas de trabalho coincidem com as de instrução”. O discurso que caracteriza o operário como vítima não contesta a sociedade de classes, pelo contrário, a crítica é feita aos seus “prazeres desregrados e à ociosidade” que deveriam ser substituídos pelo cultivo do espírito e fortalecimento moral, “seguros penhores da ordem social”.

Como forma de fechar a lacuna da instrução primária para as classes laboriosas, não só aos adultos, mas também às crianças trabalhadoras, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional fundou sua escola noturna, e apelava aos proprietários e diretores dos grandes estabelecimentos e oficinas, e aos mestres de obras, que dirigissem seu pessoal para nela se matriculem. Aconselhava que se estabelecesse uma política de benefícios para os que se matriculassem. Tais benefícios, mais tarde, seriam revertidos em consideração e gratidão pública e, principalmente, consideração e gratidão daqueles operários.

---

Além da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional havia outras organizações que procuravam preencher a mesma lacuna em relação às aulas noturnas. Ao se julgar lesada na disputa para decidir quem era “a mais benemerita” das sociedades, a Reunião dos Expositores da Indústria Brasileira contestava o pioneirismo atribuído a si pela Auxiliadora da Indústria Nacional informando que também possuía um curso que funcionava desde a mesma época, e lembrando, ainda, a existência dos cursos do Lyceo de Artes e Offícios e da Sociedade Propagadora das Bellas Artes. Colocando, porém, as disputas à parte, o jornal da Reunião dos Expositores, reclamava que em todas as aulas noturnas havia pouca frequência, enquanto poucos eram os operários e aprendizes que sabiam ler. Atribuía à escravidão o desdém pelos assuntos relacionados ao trabalho livre e apelava a uma colaboração entre as associações envolvidas com esse tipo de ação educacional, aos patrões e aos operários, para conseguir aumentar a frequência das aulas noturnas.

Mas o que podemos fazer com uns 20 alunos nas classes noturnas da Reunião dos Expositores, uns 30 no do Lyceo e Bellas Artes, e uns 40 nas da Sociedade Auxiliadora, para extirpar o flagelo da ignorância que corrói a classe operária no Brasil, classe tão desdenhada ainda nos nossos dias, e que não se levantará se não muito tempo depois da abolição da escravidão? [...]

Mas não devemos desanimar, é preciso que a Sociedade Auxiliadora da Indústria, hoje florescente, ajude a Reunião dos Expositores a alcançar este fim. É preciso que as aulas noturnas sejam frequentadas por grande número de pessoas em grandes salões cedidos pelo Estado, e para sacudir o torpor da classe operária, é preciso animar não somente os alunos, mas também os patrões a enviarem às diferentes classes o maior número de aprendizes e operários (O TRABALHO: FOLHA CONSAGRADA AOS INTERESSES DA INDÚSTRIA E DAS ARTES, 1868).

A *Gazeta Operária*, outro periódico analisado, em comparação com *O Trabalho*, órgão da associação Reunião dos Expositores da Indústria Brasileira, apresenta uma visão mais crítica de sociedade. Em sua perspectiva existia luta de classes: “O operário do Brasil, como de qualquer outro país, representa o núcleo de inferior posição, é certo, o proletarismo o considera como seu representante, os governos assim o julgam, e as classes mais avantajadas chegam a desprezá-lo. Entretanto, é bom convir: o operário é o povo, ele presta desde o suor até o sangue em favor de seus desprezadores, mas se por ventura a paciência se esgota, então vem o período da reação, e a consequência é sempre fatal”. A *Gazeta* falava em socialismo, para o qual a história da humanidade deveria ser a bíblia; fazia críticas ao governo pelo mau gasto do dinheiro público com “os casacas”; a denúncia da repressão policial contra os trabalhadores que teria, à época, matado um vendedor de jornais, e correlacionava consciência do trabalhador e instrução, dando como exemplo o fato de que

---

para este melhor compreender as relações entre tempo de trabalho despendido pelo operário e o lucro dos patrões era necessário que recebesse instrução. Para tanto, citava a importância dos cursos noturnos: “A fundação de cursos noturnos, a escola, propriamente dita, onde depois dos afazeres, possa o artista encontrar o pão do espírito que alargue a esfera circunscrita de suas ideias, deve ser o primeiro passo no caminho a encetar”. Esta exaltação dos cursos noturnos era feita na esteira da constatação da ignorância da classe pobre, analfabeta em sua quase totalidade.

[Como a classe pobre cria seus filhos?] Entendem não instruí-los e entregam-nos a si mesmos, isto é, deixam-nos vagar diariamente nas ruas e não obrigam-nos a frequentar as escolas, nem aplicar-se enquanto eles não têm idade suficiente para o trabalho manual. O que acontece: o rapaz vai crescendo analfabeto, sem gosto, sem ideias, sem propensão para coisa alguma, perdido em fim. Então os pais metem-no na primeira oficina ou qualquer profissão sem consultar a capacidade física ou intelectual deste futuro cidadão, nem suas aptidões. Resulta disso que se ele é de boa índole, aí conserva-se e trata de aplicar-se. Se não, cai na vagabundagem, destroça e nunca atinge posição, tornando-se um homem inútil e perigoso, mau chefe de família, se a construir, como foram seus pais. (GAZETA OPERÁRIA, 1884).

A *Gazeta* indicava outro tipo de apropriação dos ensinamentos das aulas noturnas, diferente dos que estavam previstos no projeto político-pedagógico destas. Em vez de sua utilização para a formação de trabalhadores dóceis e úteis às elites, seria ferramenta para melhor apreensão de teorias potencialmente “subversivas”, como a da “mais-valia” esboçada pelo redator. Porém, este não rompia com o projeto dominante no que se refere à representação das classes populares. Assumindo o lugar de liderança intelectualizada desses “operários ignorantes”, o jornal os encarava como objetos e não como sujeitos. Reproduzia preconceitos como o da associação entre o não trabalho formal, chamado pejorativamente de “vagabundagem” e o perigo da criminalidade. Atribuía aos pais pobres a responsabilidade por seus filhos não frequentarem as escolas, como se tratasse exclusivamente da escolha destes, desconsiderando fatores como falta de recursos para dispensar o trabalho dos meninos, as despesas com os estudos, e a própria dificuldade de obter instrução gratuita – fatores apontados até mesmo pelo jornal da associação patronal anteriormente analisado.

Em periódicos voltados para a questão mais específica do trabalhador negro e pardo, fosse livre, escravo ou liberto, as representações sobre a educação para o povo não se alteram. Podemos encontrar no *Boletim do Club dos Libertos Contra a Escravidão* a referência à vitória das aulas noturnas que “(fora da política) têm conseguido arredar da vadiagem, e talvez da prática da criminalidade grande número de homens e crianças”. Aos sujeitos atendidos pelo clube era negado o valor de sua cultura, diferente da veiculada pela escola e de suas formas de trabalho,

---

independentes do modelo de trabalhador assalariado, disciplinado e regido pela necessidade de altos níveis de produtividade.

Na *Homenagem a José do Patrocínio* publicada pelo Clube, talvez se encontre uma chave para a compreensão da visão ambígua sobre os objetivos da instrução para as classes populares. A maioria dos discursos, inclusive os que retratavam a história do homenageado, ressaltava as estratégias de resistência e superação da escravidão como lutas individuais em busca do sucesso pessoal. Nelas, a instrução cumpriria papel de relevo. Além de Patrocínio, é homenageado um outro lente da escola politécnica, Dr. José Agostinho dos Reis que, como ele, antes fora escravo e aproveitara a instrução como meio de ascensão social<sup>4</sup>.

Em *O Progresso: orgam dos homens de cor*, encontramos a mesma concepção. O artigo de 1899 intitulado “Eduquemo-nos” mostra enfaticamente que não se pode esperar manifestações da inteligência erudita da população negra que acabara de largar a enxada sem antes educá-la, pois aqueles negros que estudam, prosperam. Se o jornal desmonta a tese da incapacidade natural em função da raça, também deixa de valorizar a cultura do ex-escravo, e reafirma a tese de que o que falta às classes pobres para que melhorem sua condição é a instrução, apesar de compreender que todas as marcas da civilização foram criadas pelo braço escravo sem lhes ter permitido acesso aos benefícios dessa civilização. Afirma que nas cidades a sorte era um pouco diferente, pois os libertos mandavam os filhos à escola, e estes se mostravam inteligentes. Mas mesmo reconhecidamente valorosos, os pretos continuavam sendo discriminados. Mesmo com a mudança do sistema político derivada da proclamação da república, a igualdade social não teria sido alcançada. Diante da história de cativo e das permanências da condição subalterna após a abolição, o autor parece sentir a necessidade de afirmar o negro como “ordeiro, amante da família, laborioso, etc.”, já que a imagem construída sobre ele era a da classe perigosa. Clamava, por fim, para que se educassem os

---

<sup>4</sup> Segue-se um trecho da narração da cerimônia: “O delírio e o entusiasmo tinham chegado ao apogeu quando assomou à tribuna o ilustrado lente da escola politécnica, Dr. Ennes de Souza, que pronunciou um notável discurso, encarando a questão da abolição pelo lado científico e provando que ela se podia fazer imediatamente sem que a nossa sociedade sofresse abalo pela passagem do trabalho escravo para o trabalho livre. Ao deixar a tribuna o orador foi frenética e entusiasticamente saudado. Uma voz fez-se ouvir de um dos camarotes. Todas as atenções viraram-se para o lado de onde ela partia. Era um simpático Dr. José Agostinho dos Reis, também lente catedrático da mesma escola que, mais uma vez ia emprestar seu talento. O orador participou declarando que foi escravo e sua presença devia ser justamente onde se celebravam a festa dos libertos. Ali estava. (Bravos) [...] Depois disso, ocupou a atenção do auditório, José do Patrocínio, que fez uma comparação que foi imensamente aplaudida. Um homem, disse o orador, nascido escravo, transformou-se em senador, e depois, esqueceu o passado, fez-se cruel inimigo de sua raça; um outro, vindo do norte como o primeiro, como o primeiro escravo, conquistou uma carta de doutor, fez-se por esforço próprio, lente de uma academia, e este país que quase deixou que aquela cabeça fosse destinada a carregar um cesto de café, não se lembrava que mais tarde seria ela coroada de louros, e que aquele que queria para lacai, se transformaria em educador de seus filhos. (Ardentes aplausos)”.

---

negros para o bem do Brasil e poderíamos completar afirmando que este era considerado o caminho para o bem de si mesmos, sendo a instrução um importante meio de integração a uma ordem que, ao menos para os editores de *O Progresso*, intentavam pertencer e não perturbar.

Esta concepção de integração à ordem que, em 1899, aparece internalizada por parte dos próprios potenciais “sujeitos da desordem” não teria surgido de uma hora para outra, mas fora resultado de um longo processo de formação do cidadão, do trabalhador brasileiro baixo o controle de suas existências. Em seu livro sobre a formação da classe trabalhadora brasileira entre o período da primeira república e do estado varguista, Ângela de Castro Gomes aponta a necessidade da criação de um modelo de trabalhador livre para o desenvolvimento de um mercado de trabalho livre. Desde fins do século XIX, mesmo antes da abolição da escravatura, o tema do trabalho e dos trabalhadores livres e educados no “culto ao trabalho” se impôs ao país. Entendia-se claramente que era preciso criar valores e medidas que obrigassem os indivíduos a trabalhar. A preocupação com o ócio e a desordem era muito grande e educar um indivíduo era, principalmente, criar nele o hábito do trabalho. Ou seja, era obrigá-lo ao trabalho via repressão e também via valorização do próprio trabalho como atividade moralizadora e saneadora socialmente. O pobre ocioso era indubitavelmente um perigo à ordem política e social (GOMES, 1988, p. 25). A história da educação popular no Brasil entremeia-se, dessa forma, à própria história da formação da classe trabalhadora entre resistências e conformações.

---

## REFERÊNCIAS

- BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Unesp, 2002.
- BEZERRA, Aída; BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão. (Orgs.). *A questão política da educação popular*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *A reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Trad.: Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CLUB DOS LIBERTOS CONTRA A ESCRAVIDÃO. Estabelecido em São Domingos de Niterói, Rua do Guarani, II. *Boletim n. 2*. Balancete de 1º de maio a 30 de setembro de 1882. Sob guarda da Biblioteca Nacional.
- CONGRESSO AGRÍCOLA DO RIO DE JANEIRO, 1878. Coleção de Documentos. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1878. 262 p. Sob guarda da Biblioteca Nacional.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FRAGO, Antonio Viñao. Leer y escribir (siglos XIX-XX). In: *Leer y escribir*. Historia de dos prácticas culturales. Mexico: IAP, 1999.
- GAZETA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA. 1º de novembro de 1851, ano 1, n. 1. Redator: F. Otaviano d'Almeida Roza. Niterói: Typografia de Amaral e Irmão; Corte: Livraria de Mongie. Sob a guarda da Biblioteca Nacional.
- GAZETA OPERÁRIA. Órgão proletário do Rio de Janeiro. 9 de dezembro de 1884, ano 1, n. 2. Propriedade de J. F. Veiga e C. Typ. da rua do Hospício.
- GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Ed. Vértice, 1988.
- HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França séculos XIX – XX). In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Editora Autores Associados/SBHE, n. 1, jan./jun. 2001.
- HOMENAGEM A JOSÉ DO PATROCÍNIO: redator chefe e proprietário da Gazeta da Tarde. 8 de outubro de 1883. Rio de Janeiro: Typ. Central de Evaristo Rodrigues da Costa.
- PRADO, Maria Emília. *Memorial das desigualdades*. Os impasses da cidadania no Brasil, 1870/1902. Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- PROGRESSO. Órgão dos homens de cor. São Paulo, ano 1, n. 1, 24 ago. 1889. Sob guarda da Biblioteca Nacional.
- SILVA, Adriana Maria Paulo. *Aprender com perfeição e sem coação: uma escola para meninos pretos e pardos na corte*. 1. ed. Brasília: Editora Plano, 2000.
- SOCIEDADE PROPAGADORA DA INSTRUÇÃO AOS OPERÁRIOS DA FREGUESIA DA LAGÔA. Seção de homenagem a Eugênio de Almeida. 12 de agosto de 1917. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio. Sob guarda da Biblioteca Nacional.
- TRABALHO: folha consagrada aos interesses da indústria e das artes. 11 de outubro de 1868. Redator: Alexandre A. R. Sattamini. Rio de Janeiro: Typ. e Lyth do Bataclan.
- VAGABUNDO. Órgão da liga dos homens sem trabalho. Redatores: Eu, Tu e Elle. Abril de 1895, n. 69. Rio de Janeiro: Corcovado.
- VARELA, Julia; URIA, Fernando Alvares. A maquinaria escolar. In: *Teoria e Educação*, 6, 1992.

### ABSTRACT

This work aims to contribute to the understanding of the role of institutions, like night schools for primary instruction, in the formation of free workers in the context of the crisis of the slave system.

**Keywords:** Evening schools; The working classes; The 19th Century.

Recebido em: junho de 2012  
Aprovado em: julho de 2012